

Vozes da Cultura Brasileira: o cotidiano e a historicidade de Territórios sem Fronteiras

Voices of the Brazilian culture: daily life and historicity of Territories Without Borders

ANDRADE, Regina Glória Nunes; MACÊDO, Cibele Mariano Vaz (org).

Territórios sem Fronteiras: o social no contemporâneo.

Rio de Janeiro: Cia de Freud: FAPERJ, 2014.

Por Werusca Virote

Doutoranda em Psicologia Social pela
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SUBMETIDO EM: 30/06/2014

ACEITO EM: 04/08/2014

RESENHA

RESUMO

Organizado por Regina Glória Nunes Andrade e Cibele Mariano Vaz de Macêdo, o livro "Territórios sem Fronteiras: o social no contemporâneo" é uma coletânea de pesquisas sobre a cultura brasileira, a historicidade e as possibilidades de interação e visibilidade desses territórios. A resenha divide a obra em dois blocos de textos: o primeiro descreve e discute a produção de sentido dos sujeitos inseridos em cada cultura e nos territórios estudados. O segundo é composto por textos que apresentam reflexões sobre as implicações da historicidade e da política na captação e produção de subjetividades na pós-modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Territórios; Cotidiano; Cultura brasileira; Subjetividade.

ABSTRACT

Organized by Regina Glória Nunes Andrade and Cibele Mariano Vaz de Macêdo, the book Territory Without Borders: the social in contemporary is a collection of research on Brazilian culture, the historicity and the possibilities of interaction and visibility of these territories. The review divides the work into two blocks of texts: the first describes and discusses the production of meaning of the subjects included in every culture and in the territories studied. The second consists of texts that present reflections on the implications of the historicity and politics in the uptake and production of subjectivity in postmodernity.

KEYWORDS: Territories; Daily life; Brazilian culture; Subjectivity.

Organizado por Regina Glória Nunes Andrade e Cibele Mariano Vaz de Macêdo, o livro *Territórios sem Fronteiras: o social no contemporâneo* reúne textos que presentificam diversas manifestações da cultura popular e discutem a realidade da população brasileira. Os textos possuem um fio que os une em discursos que se cruzam: a cultura participativa, construída por sujeitos que partilham da vida cotidiana em um mesmo território, seja ele simbólico ou geográfico.

Já no prefácio, Muniz Sodré de Araújo Cabral, deixa clara a difícil tarefa a que o livro se propõe: incluir em um todo diversos territórios produtores de sentido e significado, para os brasileiros apresentados nas pesquisas.

Um marco importante dessa publicação é o depoimento de Annick Durand-Delvigne, professora da Université de Lille 3, que as autoras optaram em manter em francês. Annick é a parceira francesa de um projeto CAPES COFECUB ainda em andamento entre UERJ (Regina Glória Nunes Andrade), UFRJ (EICOS – Maria Inácia D Ávila) e Université de Lille 3.

O livro pode ser dividido em dois grandes blocos, de textos não lineares, a saber: os textos que descrevem os territórios e discutem como os sujeitos vão se estruturando em torno dos saberes e ações ali produzidos. E o outro que elucida formas de captação e produção de subjetividades a partir da historicidade, da política, da pós-modernidade, dando voz aos atores sociais que vão se articulando na sociedade contemporânea.

Assim o livro vai nos conduzindo por uma viagem a territórios marcados pela tradição e a pós-modernidade. Essa viagem inicia-se na Cinelândia. Um espaço de visibilidade, que concentra em si símbolos da história do Rio de Janeiro e que por muitas vezes foi palco de reivindicações e manifestações populares de diversos tipos. Cibele Mariano Vaz de Macêdo e Regina Glória Nunes Andrade apresentam o estudo destacando como ferramenta de coleta de dados a pesquisa participativa e ampliação do olhar do pesquisador no território em que está atuando. As autoras fazem um breve histórico de como surgiu a pesquisa participante, salientando o papel da aprendizagem que esse tipo de pesquisa deve produzir no grupo pesquisado e a predominância da escolha desse método para o estudo em comunidades, pois promove a aproximação do meio acadêmico com a sociedade.

Saindo da Cinelândia, ainda no Rio de Janeiro, Edna Chernicharo, Márcia Fraga Sampaio e Maria Livia Roriz Aguiar conduzem o leitor a conhecer por meio das pesquisas de campo o Centro Cultural Cartola (CCC), localizado na comunidade da Mangueira. As autoras contam brevemente a história do CCC e apresentam depoimentos e fatos que demonstram a importância desse espaço de convivência para perpetuar a memória do samba, a memória social do território e para promover as práticas culturais sócio-educativas nesta comunidade emblemática do samba carioca.

Nesse passeio por comunidades e espaços de relações e construções subjetivas, Valéria Mendonça cria um trajeto entre as creches do Rio de Janeiro. Territórios repletos de crenças, valores e formas simbólicas específicas de cada território. Ela discorre sobre a função das creches na sociedade contemporânea e descreve como o cotidiano desses lugares produz subjetividades.

A Juventude em cena: a favela, o imaginário e o consumo na pós-modernidade é um caminhar histórico sobre a categoria favela, focalizando o Rio de Janeiro como cenário desse tipo de identidade territorial. Saulo Magalhães e Lina Raquel de Oliveira Marinho estruturam o texto em torno do fazer cinema sobre favela, das relações sociopolíticas e do imaginário que permeia a juventude que habita esses espaços.

Nos ambientes diversos de o que o livro trata o texto *Mulheres entrelaçadas pela cultura militar*, discute as relações e produções de subjetividades dentro de um território simbólico cujas relações de gênero definem a família desses grupos.

Assim, os autores vão passeando por lugares de compartilhamento da cultura da cidade e da história do Rio de Janeiro. As pesquisas apresentam um elo com o livro *Território Verde Rosa*, publicado em 2010, também produto das organizadoras.

No livro de hoje, *Territórios sem Fronteiras: o social no contemporâneo*, a subjetividade é retratada em tessituras que vão se produzindo a partir da articulação social do indivíduo no território. Na pesquisa de Lígia Valadares de Almeida, por exemplo, a literatura surge como possibilidade de expressão das crianças do Centro Cultural “e de desconstrução da posição opressiva”, em busca de uma identidade cultural partilhada no território.

Cibele Mariano Vaz de Macedo e Rosângela B. Nunes, por sua vez, trazem o Centro Cultural Cartola como um espaço de estruturação social em que emergem diferentes vínculos sociais, relações simbólicas e propagação da cultura local. O texto faz uma conceituação de território e a sua importância na estruturação e configuração da cidade como um todo. Uma das maiores contribuições desse capítulo é a análise teórica sobre o espaço e as configurações urbanas.

Ainda no mesmo território Nilcemar Nogueira faz diversas indagações, a começar pelo título do capítulo: *Patrimonializar pra quê?* Ela questiona como o samba é tratado pelo Brasil, sendo ele um ícone nacional, paradoxalmente, embora venha ganhando espaço na cidade e no mundo, perde, a cada dia seus valores, pois pessoas sem legitimidade passaram a lhe representar. O Centro Cultural figura como esse território legítimo, guardião da memória do samba, ponto de resistência, baseado na figura do Cartola, geograficamente localizado em um lugar onde o samba representa uma herança simbólica para a comunidade e é considerado Patrimônio Cultural Brasileiro. Nesse passeio por comunidades e culturas, viajando para Salvador, Sônia Bahia apresenta o Ilê Ayiê, outro território de socialidade, promotor de cultura, espaço plural, que tem suas raízes na cultura negra, no candomblé e nas práticas do povo negro do Curuzu. O trabalho capta o discurso dos sujeitos envolvidos buscando apreender, por meio das narrativas, como se dão as construções identitárias e como essas histórias refletem o processo de exclusão social vivenciado pelos fundadores do grupo. E ainda, como os afrodescendentes que participam, atualmente, buscam nesse grupo criar uma noção de pertencimento.

Adentrando pelos costumes, tradições e discutindo questões relacionadas ao sofrimento psíquico, o texto de Augusto Conceição traz marcas arcaicas da nossa cultura, lembra que “o Banzo corresponde ao estado de tristeza profunda que conduz ao mutismo e imobilidade...”. O autor introduz a Escola de Psiquiatria Transcultural Brasileira, (criada desde o século XIV) através de seus representantes baianos mais expressivos: Nina Rodrigues, Afrânio Peixoto, Juliano Moreira, Arthur Ramos e Rubim de Pinho.

Além disso, discorre amplamente sobre as dinâmicas sociais que ocorreram no Nordeste brasileiro, destacando o papel da religiosidade.

Já o texto de Lina Raquel de Oliveira Marinho possui uma característica distinta dos demais porque traz reflexões sobre as construções psicossociais ao longo da história. A autora vai conceituando identidade e definindo seus contornos por diversos ângulos, até produzir uma reflexão teórica alicerçada nos modos de ser, sentir e produzir significados do sujeito pós-moderno. Faz uma crítica aos modos de consumo que vão produzindo ilusões de subjetividades plásticas construídas a partir da “lógica do capital”. Esse texto embora se distinga dos demais, pois traz aspectos teóricos, históricos mais densos, possui aspectos tangentes aos demais, pois focaliza faces da pós-modernidade, da descontinuidade dos processos, das possibilidades de escolha que o sujeito hipermoderno está exposto.

Retornando ao Rio de Janeiro, no capítulo 12, Edna Melo Chernicharo e Regina Glória Nunes Andrade encerram essa viagem apresentando um ensaio sobre o fazer clínico, numa metáfora poética comparativa entre as meninas do Cartola, essência da cultura brasileira, e as meninas de Velásquez, essência da cultura europeia.

Nos 12 capítulos do livro, o leitor tem a possibilidade de transitar por territórios repletos de histórias, vivências, práticas e saberes. Lugares de socialização, de preservação da cultura e da vida cotidiana. Nesses lugares surgem possibilidades para sujeitos em condição de vulnerabilidade. O livro reflete a realidade de uma sociedade que está fragmentada, que necessita de lugares marcados para emergir subjetividades, para dar suporte aos desejos e necessidades de sujeitos sociais sem voz no contemporâneo. Os territórios não têm fronteiras entre si. Mas, como no mundo atual, eles se ligam por conexões invisíveis que aproximam pessoas e culturas. Os textos não se relacionam diretamente, mas as temáticas são recorrentes: pesquisas que partem de um lugar social e deixam marcas na história do Brasil reforçando as tradições. Enfim, o livro é uma amostra do cotidiano de sujeitos da cultura popular brasileira, das comunidades e de territórios especiais unidos por um fio invisível que perpassa esses Territórios sem Fronteiras.